O CORPO COMO PRISÃO NO CONTO "EL ESPEJO", DE JOSEFINA PLÁ

EL CUERPO COMO PRISIÓN EN EL CUENTO "EL ESPEJO", DE JOSEFINA PLÁ

Betania Vasconcelos da Cruz[1]
Altamir Botoso[2]

RESUMO: O objetivo deste trabalho é tratar de aspectos relacionados ao corpo, quando ele se torna prisão no protagonista do conto "El Espejo", da escritora hispano-paraguaia Josefina Plá e faz parte do livro *Cuentos Completos I* (2014). O conto aborda questões girando em torno do abandono, impotência e depressão. A narrativa se estrutura a partir de um narrador personagem que fala de si mesmo e sua condição de dependência e passividade, exilado em seu próprio corpo, sua imagem refletida no espelho é sua única companhia. Como suporte para as análises, valer-nos-emos dos textos dos seguintes críticos: Candido (2014), Foucault (1987), Mbembe (2016, 2018), Campello e Schmidt (2015), entre outros. Em suma, a representação do corpo liga-se às instituições culturais, históricas e políticas e, dessa forma, um corpo saudável é valorizado e desejado, ao passo que ao se tornar envelhecido, transforma-se num fardo, restringe a sua locomoção, converte-se num *locus* de aprisionamento.
PALAVRAS-CHAVE: Corpos masculinos; Conto hispano-americano; Josefina Plá; El espejo; Literatura paraguaia.

RESUMEN: El objetivo de este trabajo es abordar aspectos relacionados con el cuerpo, cuando se convierte en prisión en el protagonista del cuento "El Espejo", de la escritora hispano-paraguaya Josefina Plá que pertenece al libro Cuentos Completos I (2014). El cuento aborda cuestiones que giran en torno al abandono, la impotencia y la depresión. La narración se estructura a partir de un personaje narrador que habla de sí mismo y de su condición de dependencia y pasividad, exiliado en su propio cuerpo, su imagen reflejada en el espejo es su única compañía. Como soporte para los análisis, utilizaremos los textos de Candido (2014), Foucault (1987), Mbembe (2016, 2018), Campello y Schmidt (2015), entre otros. En suma, la representación del cuerpo está ligada a instituciones culturales, históricas y políticas y, de esta manera, un cuerpo sano es valorado y deseado, mientras que cuando se vuelve frágil, envejecido, se convierte en una carga, restringe a su movilidad, se convierte en un *locus* de encarcelamiento.
PALABRAS-CLAVE: Cuerpos masculinos; Cuento hispanoamericano; Josefina Plá; El espejo; Literatura paraguaya.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em muitas narrativas contemporâneas, é possível verificar que a representação corporal dos personagens assume uma posição central dentro do enredo e esse é o caso de alguns contos da escritora hispano-paraguaia Josefina Plá (1903-1999), conforme sustenta o estudioso Andre Rezende Benatti (2015, p. 18), a respeito de sua importância em vários relatos da referida autora, nos quais se nota que "[...] o corpo se torna a matriz pelas qual as ações [...] se desenrolam [...] e, portanto, ele chega a matizar os comportamentos e atuações de personagens femininos e masculinos.[3]

[1] Mestrado em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), campus de Campo Grande/MS e Doutoranda em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Integra o Grupo de pesquisa SEMIC- Semióticas Contemporâneas. E-mail: betania.filologa@gmail.com
[2] Doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), campus de Assis-SP e docente do curso de Letras/Espanhol e do Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), campus de Campo Grande/MS. E-mail: abotoso@uol.com.br
[3] Neste artigo, tratamos da representação de um corpo masculino e sua degeneração, mas há um estudo de autoria de Geovana Quinalha de Oliveira (2016, p. 90) sobre tal questão relacionada ao universo feminino, no qual a pesquisadora mencionada busca "pensar de que modo os estudos feministas sobre o "retorno" da materialidade do

Segundo Eliane Campello e Rita Terezinha Schmidt (2015, p. 11), o corpo pode ser simbolizado como ponto de apoio e reflexão que liga, simultaneamente, o passado e o futuro, o profano e o sagrado. Por isso, imagens do corpo constituem uma lente para a análise dos movimentos da história, da cultura e da literatura. A literatura, particularmente, sempre foi um campo simbólico habitado por representações do corpo.

Dessa maneira, dentro de uma perspectiva simbólica, os corpos descritos por Plá podem nos levar à análise sob inúmeros aspectos culturais e históricos, pois a autora representa em suas narrativas[4] corpos invisíveis, subalternos e violados como os das personagens Sisé, Cayetana, María e Severina, mutilados como o de Serapio, assassinados como o de Silveria, imobilizado, envelhecido e frágil como o do personagem do conto "El espejo", o qual problematiza a temática do corpo fora da vida e da morte em uma perspectiva histórica, fisiológica, política e psicológica, visto que o narrador intradiégetico (Genette, 1979), explana dramas humanos, a partir de episódios cotidianos.

Nesse sentido, o corpo no conto "El espejo" é visto como um significante, onde representa uma discursividade, que segundo Foucault, incorpora uma dimensão biológica, cultural, histórica e política, ele exibe uma historicidade específica, que incorpora práticas discursivas, atravessadas pelas instituições (Foucault, 1987, p. 15). Assim, o corpo masculino no espaço familiar representa, para as instituições, coragem, inteligência, responsabilidade, força, provento, etc.. No entanto, a narrativa descreve o corpo masculino como um espaço de doença, aflição, dor e angústia, onde seu único refúgio é regressar ao passado.

Observamos também um jogo constante entre vida e morte, presente e passado, mente sã e corpo doente, razão e delírio. Entretanto, mesmo sendo uma figura frágil e doente, a cabeça do personagem narrador representa um espaço simbólico de lucidez e discursividade. Sob esse viés, os estudos sobre o corpo suscitam a atenção de diferentes áreas do conhecimento como a história, a biologia, a política. De acordo com Foucault (1987, p. 29),

> Os historiadores vêm abordando a história do corpo há muito tempo. Estudaram-no no campo de uma demografia ou de uma patologia históricas; encararam-no como sede de necessidades e de apetites, como lugar de processos fisiológicos e de metabolismos, como alvos de ataques microbianos ou de vírus: mostraram até que ponto os processos

corpo re-configuram as noções de identidade, raça e lugar a partir da análise das personagens femininas do conto "Cayetana", da autora paraguaia Josefina Plá. Observa-se nas narrativas que se tratam de "mulheres" mestiças paraguaias das classes pobres com analogias entre si, sobretudo no que tange à exploração de seus corpos como força de trabalho e prazer sexual do(a) outro(a)".

[4] Essas personagens protagonizam contos de Plá (2014), que se encontram inseridos nos volumes *Cuentos completos, I e Cuentos completos, II.*

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 33-46, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.33-46

> históricos estavam implicados no que se poderia considerar a base puramente biológica da existência; e que lugar se deveria conceder na história das sociedades a "acontecimentos" biológicos como a circulação dos bacilos, ou o prolongamento da duração da vida. Mas o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais.

Complementando essas colocações, Achille Mbembe pondera que, "esse controle pressupõe a distribuição da espécie humana em grupos, a subdivisão da população em subgrupos e o estabelecimento de uma censura biológica entre uns e outros" (Mbembe, 2018, p. 17). Também recorremos ao *Dicionário dos estudos culturais* (Szurmuk; Irwin, 2009, p. 67-68), que traz a informação de que o corpo se tornou um problema teórico e uma ferramenta metodológica, e desse modo, pode-se dizer que os estudos culturais aspiram, em grande parte, a responder à pergunta sobre a história política dos corpos. Parte-se da premissa de que o corpo é o resultado de histórias e tecnologias políticas, que questionam constantemente seu *status* e seu lugar no mundo social, na ordem cultural e no domínio do natural.

Sob esse viés, se vivemos em uma sociedade supostamente meritocrática, a velhice e a experiência não deveriam ter seu lugar garantido no seio da família? E chegar à velhice não seria uma forma de meritocracia? A sociedade contemporânea não deveria estar aberta à aceitação da velhice como um processo natural da vida? São esses questionamos que talvez o mártir em que se converte o personagem do conto "El espejo" faça ao ser isolado e excluído do meio familiar e social.

A SIMBOLIZAÇÃO DO CORPO E SEU REFLEXO NO ESPELHO

A narrativa do Conto "El espejo" se estrutura a partir de um narrador personagem que fala de si mesmo. Dedicado ao escritor Augusto Roa Bastos, foi redigido nos anos de 1962-1966. O discurso desse conto apresenta uma dimensão subjetiva, centrada no martírio do personagem, que não é nomeado e usa uma linguagem requintada, que evidencia alguém que teve acesso à educação formal e possuía bens, os quais vão sendo dilapidados à medida que a família empobrece. A narração dá ênfase à sua peculiar condição de exilado em seu próprio corpo. Sua companhia é sua própria imagem refletida no espelho.

Dentro de um contexto sombrio e solitário, o narrador é prisioneiro de seu mundo particular, o qual ruiu quando passou a viver em cima de uma cama, em um estado debilitado devido a um derrame que sofreu e das consequências degenerativas ocasionadas a partir disso.

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 33-46, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.33-46

O corpo retratado por Plá neste conto não é belo nem forte, é um corpo frágil e enfermo, mas o personagem também traz um recalque, quando lembra do passado. Da mesma forma, a narrativa traz uma dialética entre o conhecido e o desconhecido, porque ele não se reconhece mais, o familiar agora o é estranho, este conto traz um jogo psíquico de angústia e medo.

O personagem entra em crise, quando, gradualmente, vai se tornando um peso para sua família, sua lenta agonia se acentua à medida que ele começa a ser ignorado, suas necessidades físicas não são supridas, e até a sua alimentação é negligenciada. Ele torna-se um peso para seus familiares, que não se preocupam em ocultar esse fato e ele percebe a má vontade de todos para com ele, e está consciente que não há hipóteses de sua saúde melhorar. Diante de tal situação, seria a morte a libertação? Qual a importância da vida diante de um corpo castigado, paralisado, sem nenhuma chance de cura? O agente narrativo, vítima das circunstâncias, embora não possa locomover-se, encontra-se em pleno gozo de suas atividades mentais e ouve muito bem o que sua esposa e filhas conversam, entende o que está ocorrendo ao seu redor.

O protagonista inominado tinha duas filhas: Berta e Celia, e sua esposa que se chamava Boni. Berta casou-se com Belí, um farmacêutico e teve um filho chamado Orlandinho. Após o casamento de Berta, o personagem central da história, orgulhoso e cheio de dignidade, teve sua masculinidade ferida, usurpada, quando teve que desocupar o quarto grande para dar lugar ao casal. O espaço narrativo é descrito pelo personagem nos seguintes termos:

> El armario está a medio metro de los pies de mi sillón cama; el espejo me enfrenta vertical, inamovible, encuadrado en el oscuro panel cuyo lustre natural no pierde, antes gana, al correr del tiempo. El espejo es del ancho de mi sillón, del alto que yo tenía cuando aún estaba en pie. No se hacen ya espejos de ropero así, ahora. Estoy frente a él desde hace tiempo; desde aquel invierno en que, trasladado a esta pieza más pequeña, en homenaje a los recién casados −ellos tenían que moverse, yo no− quedé más solo que antes, cuando ocupaba la pieza frente al pasillo y sentía circular la vida de la casa en su diario curso, como quien siente correr su sangre en los pulsos. La habitación no tiene ventanas. (Plá, 2014, p. 61).

A figura paterna encontra-se em um ambiente fechado e escuro, em companhia de um guarda-roupa com espelho. O fato de o quarto não possuir janelas, intensifica o aspecto de prisão e de lugar sem saída onde ele é deixado. Sua imagem refletida no espelho torna-se para o protagonista um incômodo, porém, é justamente seu reflexo nesse objeto que o mantém em contato com o mundo exterior e lhe permite ter noção, ainda que limitada, do espaço e do tempo

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 33-46, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.33-46

que transcorre. Na sequência das ações, há um pequeno diálogo, o qual se evidencia o espaço onde o narrador foi relegado:

> La habitación no tiene ventanas. −¿Te importa mucho que no haya vista afuera? −me preguntó mi esposa al mudarme aquí−. Y yo dije con la cabeza que no, que no me importaba. ¿Qué iba a contestarle?... Cualquier respuesta habría dado lo mismo. No había en la casa otra pieza disponible. (Plá, 2014, p. 61-62).

Os móveis do quarto, que eram poucos, ganhavam relevância, enquanto se transformavam numa companhia constante para o enfermo, como, por exemplo, o guarda-roupa, que acabava por se assemelhar ao ocupante do local, conforme ele mesmo deixa patente:

> El armario y yo estamos por igual arrinconados. El armario está lleno de trastos diversos, esas cosas heterogéneas que no se tiran porque cuelgan todavía de un pelo de sentimiento o una vaga esperanza de utilidad. Cosas que no se resuelve uno a echar a la basura, pero que a las que no se busca sino cuando es preciso. Como a mí (Plá, 2014, p. 61).

Não há como negar uma ausência de intercâmbio verbal, o monólogo discursivo do personagem nos leva a perceber a solidão a qual se encontra a figura paterna. Constata-se também que seu lar se converteu em uma prisão. Conforme se pode depreender do excerto citado, a situação de inutilidade estende-se também ao narrador, esquecido e abandonado, como um objeto, que ninguém nota e que se consome na solidão. A este propósito, vale salientar duas indagações do filósofo e historiador político Achille Mbembe, "Que lugar é dado à vida? Em especial o corpo ferido ou morto?" (Mbembe, 2016, p. 124). Tais indagações salientam a preocupação com a vida e o corpo no mundo contemporâneo. Na narrativa de Plá, o corpo é silêncio, abandono, é um organismo que mesmo imóvel pensa e sente.

No quarto havia uma janela, tirada, alguns meses antes de sua doença, porque na madeira havia cupim. Ao se tapar o espaço da janela, o personagem não se deu conta que fechou também seus olhos para o céu e as árvores. A partir do momento que sua força e vitalidade desvaneceram, ele se tornou um fardo para família, um "bebê", que precisava ser alimentado, lavado, vestido. Com a perda da capacidade de se movimentar, seu corpo se objetifica, necessitando de cuidados de terceiros, que nem sempre se preocupavam em deixá-lo asseado e nutrido. A respeito da questão corporal, Foucault assinada ainda que o

DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.33-46

> [...] corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso. (Foucault, 1987, p. 29).

Pautados pelos apontamentos de Foucault, podemos considerar que o corpo simbólico do conto "El espejo" não tem valor econômico, é "descartável". É prisão, miséria, isolamento, decadência e suplício. Ainda a esse respeito, vale ressaltar o que Mbembe pontua que, "a soberania é a capacidade de definir quem importa e quem não importa, quem é "descartável" e que não é" (Mbembe, 2018, p. 41). Dentro desse contexto, essa discussão é bastante relevante em relação ao protagonista do conto em análise, cuja paralisação e degeneração do corpo tornam-no "sem valor", depreciado e esquecido por seus familiares e a sociedade em que deveria estar inserido.

Em um ambiente intimista, onde a solidão e o abandono avolumam-se, o narrador questiona valores e seu papel na sociedade. Sob esse prisma, para um homem orgulhoso, que era o chefe, aquele que mandava e era obedecido, diante do isolamento, sente-se injustiçado pela família, e isso pode ser verificado no fragmento transcrito abaixo, quando ele lamenta não poder ver mais a paisagem externa — as montanhas e o céu — por estar num quarto desprovido de janelas:

> [...] a mí me quedan menos años que a ellos para verlos, es injusto que yo esté sentenciado a no mirarlos más? Sí. Soy yo quien menos derecho tiene a elegir su rincón en esta casa. Aunque yo la haya construido palmo a palmo, visto poner cada hilada de ladrillos, acariciado con mi mirada y probado con mis dedos cada paletada de mezcla. Yo levanté esta casa. (Plá, 2014, p. 62).

Nota-se a dupla sentença do personagem, além da imobilidade é sentenciado também à escuridão. A partir de sua doença, seu vínculo com a sociedade foi suprimido, gradualmente, sentiu-se abandonado por seus parentes. Dessa forma, quando era um corpo produtivo, trabalhava, foi o provedor de sua casa, edificou-a, construiu sua família. Após tudo isso, seu corpo já não tem valor econômico e, dentro desse contexto, o protagonista sentia-se desvalorizado. Sob essa ótica, quando ele era capaz fisicamente e intelectualmente, verifica-se o hábito burguês de colecionar obras literárias e diversos objetos:

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 33-46, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.33-46

> Esta pieza donde estoy confinado fue la última. La construí pensando en los objectos más míos que había en la casa y que no quería que nadie tocase; libros, colecciones de diarios, instrumentos profesionales. (Todo desapareció hace tiempo; vendido, regalado, tirado; quizá anden por ahí desgualdramillados, alguna novela de Hugo Wast o algún folleto de O'Leary). (Plá, 2014, p. 62-62).

Observa-se que o narrador via os bens da família como propriedades suas e ao perder sua posição de poder, desespera-se ao perceber que está perdendo também suas posses. Nesse sentido, entende-se que o melhor bem não é o material e sim a saúde e a convivência com os entes queridos. Diante de sua situação, a única coisa que o deixava feliz era ouvir suas filhas cantando: "Oírlas cantar no me desagrada ahora. Más bien me gusta, con ese gusto ácido que toda alegría ajena tiene ahora para mí" (Plá, 2014, p. 64).

Se o canto antes incomodava, nas circunstâncias em que ele se encontrava, mergulhado em silêncio e abandono, escutar as filhas cantando, os cochichos da família durante as refeições ou as vozes das visitas tornou-se um alento, um contentamento, que lhe permitia esquecer a situação degradante onde se achava imerso. No prosseguimento do relato, o doador da narrativa expressa sua capacidade de compreensão da realidade que o cerca e oprime, pois, seu corpo degenerou-se, imobilizou-se, mas o seu cérebro ainda funciona perfeitamente:

> [...] Porque hay algo obsceno en el pensamiento que corre dentro de un cuerpo inmóvil, como una serpiente bajo una alfombra. ¿Pero acaso se les ocurre a ellos eso? Para ellos mi pensamiento libre, el pensamiento que traspasa muros y salta semanas y años atrás o adelante, se ha detenido en el mismo instante en que caí fulminado por el derrame en las escaleras de mi casa. [...] Pero otras necesidades que pudiera yo sentir no les inquietan; que la cabeza que corona este montón de miembros inútiles pueda pensar, no se les ocurre. No pueden −o no quieren− pensar que este cuerpo inmóvil puede sentir odio, hastío, asco, y hasta −en ocasiones raras y trucidantes como relámpagos abriendo en mí una grieta nauseosa− un ansia inenarrable de vivir. Su imaginación se agotó mucho antes que su pena y su inquietud. (Plá, 2014, p. 65).

O espaço em que ele se encontrava tornou-se um local de isolamento, de escassez, de conflitos e questionamentos. Nesse sentido, de acordo com Pereira "o corpo é mais que carne e tecidos, é um organismo, um código a ser decifrado e um sistema de preferências". É um texto vivo "que ordena e aproxima, escolhe e prefere, sequencia e revela estruturas materiais e simbólicas da natureza e da cultura" (PEREIRA *apud* CAMPOS, 2014, p. 98). Nesse sentido,

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 33-46, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.33-46

é justamente essa natureza material e cultural que o personagem questiona. No fragmento transcrito abaixo, verifica-se o corpo como espaço de impurezas, que necessita ser limpo:

> Lo malo es que al cesar de interesarles mi pensamiento, dejaron de interesarse por mi cuerpo también. Poco a poco −muy poco a poco, es cierto− dejó de atendérseme con la escrupulosidad de antes. A veces me siento sucio, desamparadamente sucio. El pensamiento hiede como mis carnes empaquetadas en una ropa siempre excesiva, como mis axilas insuficientemente higienizadas. (Plá, 2014, p. 66).

O corpo aqui é negligenciado e impossibilitado de enfrentar situações que antes ele comandava e controlava, dessa maneira, o narrador sentia-se vulnerável diante da falta de cuidados por parte de seus familiares. Tal isolamento e abandono é salientado na visita que o neto lhe faz e se assusta com a sua aparência, porque nem mesmo a sua barba era aparada, deixando-o com um aspecto amedrontador para a criança:

> Berta me trajo un día a Orlandito.
> −Aquí está tu abuelito, Orlandito. El chico se pone a llorar desesperadamente.
> −¡Orlandito! No sea pues así mi hijo. Es abuelito. Abuelito, ve?
> El chico llora más fuerte si cabe. No es para menos. Con mi barba crecida y canosa. (Plá, 2014, p. 68).

A recusa de Orlandito de se aproximar do avô é um procedimento que acaba se estendendo aos demais parentes que conviviam na casa. Sentindo-se sozinho e abandonado, sua família quase não entrava em seu quarto, ele já não recebia mais visitas. Dessa forma, verifica-se a sua condição de abandono, de falta de contato com outros seres humanos, numa situação de completa estagnação:

> De noche cuando todo lo borra la sombra, cuando siento que pierdo en mi quietud de madera la realidad de mi existir, oprimo el botón de la luz con la sien derecha. La luz se prende, y me veo: veo al otro sentado frente a mí, inmóvil y amarillo como yo, insomne como yo, abandonado como yo. Nunca falta a la cita. Nunca tengo que esperarlo interminablemente, torturadamente, como al vaso de agua o el orinal. Está allí, sentado, atento, prisionero amordazado como yo, pero infaltable. Lo miro, él me mira. Y sus ojos son los ojos con que lo miro. (¿Quién dijo eso?... Hace falta estar como yo estoy para saber qué verdad es eso). Son también los ojos con que lo veo. Y dialogamos. (Plá, 2014, p. 68-69).

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 33-46, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.33-46

Seu estado de debilidade e isolamento deixava-o confuso, visto que se sentia como seu reflexo no espelho, enclausurado, perturbado e com medo de sua figura pálida e imóvel. Nesse sentido, o corpo retratado por Plá não é belo nem forte, é um corpo frágil e doente, o personagem traz uma imagem ambígua que parece viva em seus pensamentos e sua consciência, porém, seu corpo está morto, inerte. O sofrimento que o personagem carregava, causa inquietação e a imagem que observava no espelho configura-se como um duplo, com o qual ele dialogava:

> —Gracias por estar ahí.
> —No hay por qué.
> —Tenés razón. Perdóname.
> —No te veo muy animoso.
> —Pero te veo todavía.
> —¿Por cuánto tiempo aún?...
> —No puedo decírtelo. Decímelo vos a mí.
> —¿No tenés sueño?
> —Acá dentro se vive como dentro de un bloque de vidrio. No podés ocultarte. Sólo la oscuridad te disuelve, te borra. Los dos dejamos de existir.
> —¿Vas a descansar?...
> —Decímelo vos.
> —Estás más flaco y amarillo.
> —Pero me ves. Es algo.
> —¿Dónde irás cuando yo no esté aquí?...
> —Estaré siempre contigo. Pero ya no seremos dos, sino uno solo. (Plá, 2014, p. 69-70).

A solidão extremada à qual estava relegado o personagem levava-o a se comunicar com a imagem refletida no espelho. Em sua mente, o seu corpo duplica-se e supre momentaneamente a ausência de diálogos com a esposa, as filhas e o neto. É um retrato desolador e tocante de um ser que se degenerava gradualmente e até mesmo a sua mente começou a ser afetada pelo isolamento constante.

Certa noite, enquanto todos foram ao cinema, Celia, sua filha mais nova, ficou em casa na companhia de sua prima Emilia e do sobrinho Orlandito. Todos foram dormir e Celia ficou sozinha com Braulio, seu namorado, que tinha permissão para ir vê-la por uma hora, já que Emilia estava lá. Ele era visto como o "salvador" da casa, aquele que poderia resolver os problemas de todos:

> En casa están locos por él. Es un mitaí de suerte: a los veintidós años tiene un puesto bueno, auto, plata siempre en el bolsillo. A mí, repito, no me gusta. Pero Celia está loca por él. Y mi esposa... Berta ve en él

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 33-46, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.33-46

> el redentor de la casa. Ha prometido puestos a todos. Hasta a mí. (Un puesto en el asilo). Cuando se case. (Plá, 2014, p. 72).

O narrador do conto em epígrafe não gostava de Braulio, sua experiência de vida diante de tal figura o fazia ter a intuição de que aquele sujeito não era bom e o seu comportamento com Celia, na ausência da prima e do sobrinho, confirma as suas suspeitas:

> El espejo refleja un rincón del comedor, el ocupado por el largo sofá donde se alinea la gente para conversar y que está un poco alejado de la mesa. [...] Ahora yo lo veía más a él: se había acercado más a Celia: sus cabezas estaban juntas. La conversación no me llegaba. Cuchicheaban. Cada vez más bajo. Pero luego vi las manos. Las manos de Braulio, invadiendo todo el rincón visible del espejo; invadiendo, como lepra movible, el cuerpo de Celia. (Plá, 2014, p. 72).

O personagem era um homem tradicional e conservador, repudiava a imagem que conseguia observar através do espelho. A cena projetada não era de uma filha casta e obediente, eram dois corpos que se exploravam com desejo e paixão. Impotente diante da imagem, o personagem sofre. Porém, a posse do corpo de Celia não se concretizou e Braulio foi embora extremamente aborrecido e o noivado acabou sendo desfeito:

> El noviazgo de Celia se ha roto, al parecer. Después de aquella noche Braulio volvió dos o tres veces, pero ahora hace quince que no se le ve. Y Celia está descompuesta y pálida. Cuando entra a traerme algo, la miro en el espejo: adelgaza. No quiero mirarla a la cara. Me lastiman sus mejillas adelgazadas, sus ojos cargados como cielo con lluvia. (Plá, 2014, p. 73-74).

O sumiço de Braulio acarretou consequências desastrosas. Os dias se passaram e o corpo de Celia que era jovem e cheio de desejo, empalideceu e perdeu o brilho. Certa noite, o protagonista ouviu gritos, passos apressados, sussurros, choros sufocados, murmúrios, escutou o motor da moto de Belí sair. Aflito com os acontecimentos, o narrador assim se expressa: "Yo sigo sin prender mi luz; me oculto en la sombra como un cobarde. Cómo puede en un cuerpo muerto haber tanta amargura desbordando la garganta, oxidando la lengua?" (Plá, 2014, p. 74). Ele havia entendido que algo muito grave havia acontecido. No dia seguinte, suas suspeitas de que algo estava errado se confirmaram, ao se dar conta que a filha havia morrido:

> Cuando la puerta de la casa se abre de nuevo, los pasos traen una calidad nueva: son desesperanzados, graves y urgentes. Arrastran muebles, dan

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 33-46, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.33-46

> órdenes recatadas. Una pausa luego: un coche se detiene junto a la puerta de calle. Sin que nadie me lo diga, sé que traen el cuerpo de Celia. Sin que nadie me diga nada, sé que es su cuerpo el que ponen sobre la mesa del comedor. (Plá, 2014, p. 75).

Ao perder o seu pretendente, Celia sentiu-se desvalorizada e não via sentido em sua vida. A família acreditava que a figura paterna tinha perdido a lucidez e lhe omitiu os acontecimentos, deixando-o mais atormentado. O comportamento da família o entristeceu profundamente e intensificou ainda mais o sentimento de ser deixado de lado, sem direito a participar dos fatos que ocorriam no seio familiar.

Os corpos de Celia e do narrador desvelam duas representações antitéticas: a do corpo desejado e a do corpo apagado e excluído. Enquanto o primeiro vem agregado à juventude, beleza, o segundo alia-se ao envelhecimento, ao desvanecimento. Paradoxalmente, é o corpo de Celia que perece, enquanto seu velho pai continua vivo, em condições extremamente precárias e sem qualquer hipótese de que a sua situação possa ser revertida e a saúde recuperada.

Dessa forma, os personagens concebidos por Plá avultam, ganham contornos e dimensões simbólicas, conforme assinalamos até aqui. Não espanta, portanto, segundo Candido (2014), que a personagem pareça o que há de mais vivo no tecido narrativo, e que a leitura desta dependa basicamente da aceitação da verdade da personagem por parte do leitor. Esse estudioso pontua que

> A personagem é um ser fictício, — expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste. (Candido, 2014, p. 55).

Sem dúvida, o personagem mantém estreitas relações com os seres humanos e, sendo assim, observamos que Plá expõe em sua criação, elementos imaginários, comunicando a impressão da mais "lídima verdade existencial", já que o ser fictício que protagoniza o conto "El espejo" expressa sua condição de angústia, desespero e silêncio, passando para o leitor suas experiências, seu exílio dentro de seu lar e seu corpo.

Dentro desse contexto, o personagem experimenta diversos aspectos da morte, a morte de sua identidade, do convívio em sociedade, de seu corpo e a morte de Celia. A morte de sua

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 33-46, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.33-46

filha lhe traz a maior dor entre as dores humanas. Dessa maneira, em relação à morte e os seus desdobramentos, o estudioso Gennep assinala que, "durante o luto os vivos e o morto constituem uma sociedade especial, situada entre o mundo dos vivos, de um lado, e o mundo dos mortos, de outro" (Gennep, 2011, p. 129). Assim, o personagem se situa entre dois mundos, marcado pela morte da filha e por uma vida imóvel, uma quase semi-morte, sem perspectivas ou possibilidades de alteração.

Depois da morte de Celia, para pagar o enterro vendeu-se tudo, até o velho guarda-roupa. Além de perder a filha, o personagem perdeu também sua única companhia, sua imagem no espelho: "Hoy amanecí sin el ropero. Sin el espejo. Inútilmente prendo la luz de noche. Ya no existo. Nadie me mira cuando yo lo veo. Estoy listo para el entierro. Estoy maduro para la muerte" (Plá, 2014, p. 76).

A família debilitada com os acontecimentos já não ia com frequência a seu quarto e, sem apoio, atenção, desprezado em um ambiente fechado, situado no mundo dos mortos, o velho patriarca já não tinha mais noção da realidade. Contudo, ainda não havia morrido, mas é inegável que pressentisse sua morte, a qual será inevitável. Num misto de tristeza e fatalidade, o protagonista se dá conta de que o seu fim está próximo e nada poderá modificar seu estado.

Assim, o leitor está diante de um quadro desolador e inquietante, do qual o personagem não pode fugir, ainda que sua mente continue saudável, capaz de refletir, de sentir, desvelando uma situação paradoxal, pois enquanto o corpo se deteriora, a mente está sã, numa situação irremediável e irreversível, sem qualquer esperança ou possibilidade de cura. A inusitada morte de Celia resultou em um turbilhão de pensamentos e conjecturas, pois, ninguém lhe esclareceu o que aconteceu e ele precisava, na sua condição de ser ignorado, deduziu o que ocorreu por meio do que conseguiu ouvir ou perceber pelos movimentos e vozes na casa. O corpo debilitado e doente, esquecido por todos, aguardava a morte, sem nada poder fazer para mudar essa realidade exasperante, mergulhado em solidão e sofrimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partido da premissa de que o corpo é o resultado de histórias e tecnologias políticas que questionam constantemente seu *status* e seu lugar no mundo social, na ordem cultural e no domínio do natural, dentro desse contexto, verifica-se que a sociedade impõe uma ditadura do corpo que não caracteriza o processo natural da vida. A velhice e a experiência deveriam garantir a todo ser humano um lugar de privilégio no contexto social, mas não é o que ocorre. Nesse sentido, a cultura estereotipa os seres humanos, assim como ponderou Mbembe (2018), para controlar e dividir a espécie humana em grupos e subdivisões. Valorizando corpos como

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 33-46, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.33-46

o de Braulio; esperto, rico, jovem, alto, bonito e viril e desvalorizando corpos sem valor econômico como o do narrador personagem do conto.

O protagonista de "El espejo" relata a feia realidade em que se encontra, permitindo refletir que, invariavelmente, o corpo saudável e forte vai se tornar frágil e dependente. A narração evidencia também o envelhecimento e suas necessidades: o abandono material e afetivo, a falta de cuidados, ausência de carinho e da convivência com os entes queridos, o monólogo do personagem possibilita perceber a escassez de diálogos, a falta de autoridade que a figura paterna representa no conto. Verifica-se que um corpo saudável e pujante tem valor simbólico econômico, mas quando degenera, torna-se frágil e sem utilidade.

O conto, portanto, deixa patente que a questão corporal ganha relevo ao se constatar que só se valoriza o corpo saudável, com vitalidade, beleza, movimento e consegue conduzir-se com autonomia; é a valorização da juventude, porém, com o envelhecimento, a doença, a fraqueza do corpo, o aprisionamento e a falta de locomoção, decorre também o menosprezo, o esquecimento e o desejo de que ele desapareça.

Vale salientar ainda que, além da questão do enaltecimento e predileção pelo corpo sadio pela sociedade, fica evidenciada também uma crítica a essa mesma sociedade, que abandona os corpos envelhecidos e deseja livrar-se deles rapidamente, como se o envelhecimento fosse um incômodo, um transtorno que familiares e todos os demais enfrentam com enfado e impaciência, num mundo no qual cada dia mais se valoriza o que é sadio, rápido, efêmero e no qual as relações humanas vão se degradando, extinguindo-se e o egoísmo, a solidão, a falta de diálogo e de solidariedade é o preço que o ser humano paga por tudo isso, num círculo vicioso no qual os velhos são descartados e ignorados, e a vida humana, os afetos, as relações familiares fragmentaram-se e se perderam numa corrida alucinante na qual não haverá vitoriosos.

REFERÊNCIAS

BENATTI, Andre Rezende. Para além do gênero: a inquietude do corpo em "La Pierna de Severina", de Josefina Plá. **REVELL:** Revista de Estudos Literários da UEMS, v. 1, n. 2, p. 17–22, 2015. Disponível em: https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/309. Acesso em: 12 jun. 2022.

CAMPOS, Wanderson Salvador Francisco de Andrade. O corpo e o poder: uma análise (possível?) do poder corporal de dona Flor a partir da reflexão de Paul Tillich. **Revista Eletrônica Correlatio**, São Paulo, v. 13, n. 26, p. 97-108, dez. 2014. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/view/5518/4586> Acesso em: 03 jan. 2022.

CAMPELLO, Eliane e SCHMIDT, Rita Terezinha. Apresentação: Corpo e Literatura/Body and Literature. **Ilha do Desterro**, n. 2, p. 09-14, Florianópolis, maio/ago. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/2175-8026.2015v68n2p9/30082> Acesso em: 03 jan. 2022.

CANDIDO Antonio et al. **A personagem de ficção**. 13. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987.

GENNEP, Arnald Van. **Os ritos de passagem:** estudo sistemático dos ritos. Tradução de Mariano Ferreira. 3. ed. Petrópolis, Vozes, 2011.

GENETTE, Gerard. **Discurso da narrativa**. Lisboa: Arcádia, 1979.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & Ensaios:** revista do ppgav/eba/ufrj, n. 32, dezembro 2016, p. 123-151. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169> Acesso em: 03 jan. 2022.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica:** biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

OLIVEIRA, Geovana Quinalha de. Corpo: experiência e linguagem em Josefina Plá. **Raído**, *10*(21), 90–101, 2016. Disponível em: https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/5212. Acesso em: 12 jun. 2022.

PLÁ, Josefina. **Cuentos completos***, I*. Asunción: Servilibro, 2014.

SZUMURK, Mónica y IRWIN, Robert Mckee (coord.). **Diccionario de estudios culturales latino-americanos**. Colaboradores, Silvana Rabinovich ... [et al.]. México: Siglo XXI Editores: Instituto Mora, 2009. Disponível em: <https://elpaginaslibres.files.wordpress.com/2009/12/diccionario-de-estudios-culturales-latinoamericanos.pdf> Acesso em: 03 fev. 2022.

Artigo recebido no 1º semestre de 2022.
Artigo aceito no 2º semestre de 2023.